



eu queria te  
dizer que  
talvez vai  
ficar tudo  
bem

ananda torres  
2016

# APRESENTAÇÃO

Esses textos são resultado de horas frustrantes em frente à páginas em branco, consideráveis noites de insônia e mais xícaras de café do que eu gostaria de admitir. Apesar de árduo, foi um trabalho muito mais prazeroso do que eu imaginei que seria.

Há bons textos e outros nem tantos. Alguns criativos e outros clichê. De qualquer forma, há um pedaço de mim em cada um deles.

# SUMÁRIO

CINZA.....	4
MONSTRO.....	6
PAREDE VERMELHA.....	9
DESLUSTRE ETERNO DE UMA MENTE EM NEGAÇÃO.....	10
UM VASO QUEBRADO.....	12
PRÍNCIPE ENCANTADO.....	16
O CAVALEIRO E O DRAGÃO.....	22
MICROCONTO.....	24
CEM ANOS DE PERDÃO.....	25
EU QUERIA TE DIZER QUE TALVEZ VAI FICAR TUDO BEM.....	33

# CINZA

Ela vinha andando pela rua Anita Garibaldi, pelas sombras que os prédios faziam. O sol de meio dia queimava muito facilmente a sua pele, apesar do uso frequente de protetor solar. A rua estava movimentadíssima, repleta de gritos: “Vem logo, filho!”, “Anda logo, Pedro, a van só está esperando você!”, “Tchau, Gabi!”.

Enquanto passava pelo ponto de ônibus lotado do centro da cidade, ela sentiu um misto de alívio por não ficar esmagada dentro do veículo, com inveja de não precisar caminhar quarenta minutos debaixo de sol. Tentou se convencer que a caminhada faria bem à sua saúde e continuou a andar. No meio do caminho encontrou uma amiga de sua mãe, uma mulher quarentona de cabelos vermelhos e vestida com roupas de academia. Deu um sorriso de lado para não ser mal educada, mas não parou para conversar, tinha pavor disso. “Manda um beijo pra mãe!”, disse a mulher ao passar por ela. Fez que sim com a cabeça e continuou a andar.

Mais a frente, agora a trinta minutos de casa, passa na frente de uma locadora em uma das maiores avenidas de sua cidade. Talvez por estar tão entretida nos cartazes dos lançamentos, por estar se perguntando até quando locadoras de filmes funcionariam com o avanço da internet, ou pelo encantamento com Emma Watson no cartaz de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, ela não percebeu o carro que vinha na avenida logo atrás dela. Deu a última olhada nos cartazes, dessa vez observando bem o de *Into the Wild*, (que só assistiria uns bons anos depois) e continuou a andar.

Alguns metros depois, ao parar para pegar sua garrafa d’água na mochila, ela percebe um Gol cinza sem calotas andando um pouco devagar demais para uma via rápida como aquela. Talvez por estar com tanta sede e incomodada com o calor de fevereiro, ela não percebeu que o condutor do carro a olhava fixamente. Tomou quase que a garrafa inteira em um gole só e continuou a andar.

Agora que não tinha nada para distraí-la, olhou para o outro lado da avenida e lá estava o Gol cinza. Ela andava no calçamento da esquerda, os carros ao seu lado andavam no sentido contrário ao seu. Já o Gol cinza, fazia o percurso no mesmo sentido, do outro lado do canteiro da avenida. Mesmo que não estivesse do seu lado, o carro a acompanhava na mesma velocidade, irritando os outros motoristas: “Tá passeando, é? Anda logo!”. Os xingamentos no trânsito não pareciam incomodar o motorista, que só a olhava fixamente sem nenhuma expressão no rosto. Talvez pelos xingamentos dos outros motoristas no trânsito, ou talvez por sentir que o homem a encarava, ela decidiu olhar para o condutor do carro. Ao ver o rosto do homem sem expressão e seu olhar fixo nela e não na estrada, sentiu um arrepio na espinha e continuou a andar.

A partir desse momento, quando ela tomou consciência da situação, o homem não mais a olhava sem expressão. Agora ele sorria, sorria como um jogador de

vôlei sorri antes de um *match point* a favor de seu time. Sorria como um ator sorri após finalizar uma cena que sabe que foi bem. O sorriso era de satisfação. Satisfação essa de ver a menina apertar o passo e tentar não se desesperar, tentar acreditar que era coisa de sua cabeça.

Ela, por sua vez, apesar dos esforços, não conseguia acreditar que fosse coisa de sua cabeça. Toda vez que olhava ao lado - nesse ponto as olhadas eram frequentes – o homem ainda a encarava e ainda andava devagar para acompanhar seu passo. Faltavam umas três quadras para chegar na sua rua, mas ela decidiu descer na próxima que aparecesse. Virou à esquerda e continuou a andar. Olhou para trás, o carro seguia na avenida. Dessa vez andava rápido. Para ele chegar ali, teria que fazer o retorno duzentos metros a frente e depois voltar para essa rua. “Se eu correr dá tempo de chegar em casa”, pensou.

Arrancou a corrida. Nunca correria tão rápido como agora. Olhava para trás quase que a todo instante e nada do carro. O alívio já dominava seu corpo ao perceber que o homem parou de segui-la. Foi diminuindo a velocidade até parar. Olhou ao redor, o Gol cinza não estava por perto. Tomou mais um gole da sua garrafa que, por incrível que pareça, ainda segurava, e continuou a andar.

Dobrou a esquina da sua rua e avistou a sua casa. O coração já desacelerava em alívio, as mãos não mais suavam frio e as pernas aos poucos paravam de bambear. A alguns metros de sua casa, porém, o Gol cinza reapareceu vindo da direção contrária. Conforme o carro se aproximava, o coração voltava a acelerar, as mãos novamente suavam frio e as pernas bambas não a deixavam correr. Tudo que conseguiu fazer foi olhar apenas para o portão da casa dela, como se focando no portão, o Gol cinza e o homem fossem desaparecer.

Tudo preto. O asfalto escaldante debaixo de sua bochecha esquerda e das palmas das mãos. De repente, a única certeza de que ela tinha era que não conseguira chegar em casa. Tirou o rosto do chão, olhou para a direita. O Gol cinza ficava pequeno no fim da rua. Levantou-se do chão como se pesasse o dobro, bateu as mãos nas coxas para limpá-las, observou o carro sumindo do seu campo de visão. Continuou a andar.

# MONSTRO

Acordei com o barulho usual de chaves passando rapidamente pelas grades. As grades que são a porta da minha casa. As janelas da minha casa também são grades. Minha casa é um quarto. Meu quarto tem dois colchões cinza finíssimos estendidos no chão e uma privada no canto esquerdo. Em um desses colchões eu descanso os olhos e estico o corpo há aproximadamente quatro meses. Às vezes variava de colchão, ora passava a noite em um, ora noutro. Pra quebrar a rotina, sabe como é, né? Eu também tinha um lápis na minha casa. E tinha paredes. Minha casa virou meu livro.

Escrevia no meu livro o que eu gostaria que tivesse acontecido antes de vir morar aqui e o que eu imaginava que estava acontecendo lá fora. A ficção era meu refúgio. Dez meses atrás eu acordei pela primeira vez com palavras nas paredes. Diferente daqui, as palavras que li na parede da minha antiga casa não eram minhas. Também não era um romance, era apenas uma oração. Sem verbo, sem nada. Uma palavra: monstro. Não que eu não esperasse uma reação negativa, só fui pega de surpresa com uma pichação na fachada de casa.

A pichação foi só o começo. Quando passavam por mim na rua, me olhavam de cima a baixo e faziam expressões de nojo, raiva e indignação. No trabalho, os cochichos eram constantes e paravam quando eu chegava perto. Minha mãe dizia que eu estava indo contra governo e que iria sofrer as consequências. De fato sofri. As mães sempre têm razão.

- Tu sabe que não vai ser fácil, né? Ninguém vai entender.

- Eu sei, óbvio que sei. Só preciso saber se tu tá do meu lado.

- Não concordo contigo, acho que é loucura. Mas é tua decisão... Eu te apoio.

Meu marido sempre deixou claro que não concordava e que me apoiava porque eu era sua esposa e não viraria as costas pra mim. Hoje me pergunto se esse apoio serviu para alguma coisa. Ainda lembro da sua expressão de choque quando disse o que faria. Lembro da angústia de não saber se teria seu apoio, lembro da sua indignação e dúvidas quanto a minha sanidade mental, meu caráter e meus valores.

Quando já não podia esconder, virei notícia na minha cidade. Cidadezinha pequena, dez mil habitantes. Povo conservador, qualquer atitude fora do padrão gerava matéria na primeira página do jornal.

**“MULHER DE 27 ANOS ESTÁ GRÁVIDA DE 6 MESES E DIZ QUE VAI CRIAR O BEBÊ”**

Não demorou muito para as pessoas começarem a me xingar na rua: “Tá louca, mulher? Como que tu tem coragem de botar uma criança no mundo? Tu vai presa, mulher, presa!” De fato, eu sabia que corria o risco de ser presa, estava

conscientemente indo contra a lei. Mulheres só podiam ter crianças em duas circunstâncias: depois dos 30 anos, comprovando renda suficiente para manter um filho, uma família estável, diversos testes psicológicos para comprovar sua competência como mãe e uma infinidade de processos judiciais na tentativa de provar que colocar um filho no mundo não prejudicaria nem a sociedade, nem a vida da criança em si, caso a mãe não o criasse bem. Normalmente todo esse trâmite levava alguns anos, o que, na maioria dos casos, desencorajava as mulheres por estarem cada vez mais perto da infertilidade com o passar dos anos. A segunda circunstância aconteceria apenas se o país decretasse alta taxa de mortalidade, um crescimento demográfico negativo, e possível extinção da população dentro de dez anos, o que não aconteceria tão cedo. Ainda assim, apenas um número controlado de famílias seria escolhido para procriar um número específico de crianças. Há anos que não se via uma criança na minha cidade. Os mais jovens eram apenas dois anos mais novos que eu.

Aos sete meses de gravidez eu já era notícia nacional, junto com mais uma meia dúzia de mulheres que eram corajosas o suficiente para sustentar uma atitude dessas. As pichações aumentavam, os xingamentos na rua já quase passavam despercebidos. Aos oito meses, minha família cansou de tentar mudar a minha cabeça e começaram a dar entrevistas dizendo que, abre aspas: não sabiam onde tinham falhado na minha criação para que eu tivesse essa ânsia pela maternidade, fecha aspas. Aos nove meses, era apenas eu e meu marido. Ele, a contragosto, escolheu os possíveis nomes comigo. Rosana se fosse menina e Pedro se fosse menino.

Dia vinte e três de fevereiro de dois mil e dezessete nasceu Rosana. Parto normal, numa clínica clandestina, com utensílios improvisados e não esterilizados. Sofri complicações durante o parto, que seriam evitadas se os médicos não tivessem se recusado a acompanhar minha gravidez. Se a lei não tivesse negado me amparar. Apesar de tudo, sobrevivi. Voltei pra casa fraca, ainda no mesmo dia. Carregava a pequena Rosana nos braços, transbordava de felicidade.

Abri a porta de casa, meu marido me esperava na sala.

- Olha a nossa pequena Rosana. Ela é a sua cara. – ele não olhou pra ela. Ao invés disso, olhou pra mim, no fundo dos meus olhos.

- Eu te apoiei esse tempo todo, mas te ver com essa criança é demais pra mim. Não quero ser o cara casado com a *feminazi* fora da lei e pai de uma criança ilegal. Tô indo embora.

Ele pegou ao lado do sofá uma mala que provavelmente arrumou enquanto eu estava na clínica, olhou mais uma vez no fundo dos meus olhos como quem espera um pedido de desculpas, e foi embora.

Não demorou muito até a pequena Rosana ir embora também. Ela tinha dois meses de vida quando a tiraram de mim e a levaram para um abrigo de crianças ilegais. Ela seria criada como filha do Estado e seu único destino seria servir o

exército, como todas as crianças de abrigo faziam quando atingiam a maioridade.

O barulho do vai e vem das chaves não parava nem se eu fingisse não ouvi-lo. Não tô com fome, não precisa me encher a paciência, pensei. Será que já é hora do almoço? Não costumo dormir tanto... Tentei ignorar o barulho por mais alguns segundos, mas me dei por vencida. Olhei pela janela e percebi pela luz do sol que não podia ser hora do almoço, o dia mal havia amanhecido. A campainha só toca na hora das refeições aqui em casa. Virei-me para a porta de grades um tanto curiosa com a visita inesperada. Como de costume, vi meu porteiro de roupas pretas e boina, um revólver de um lado da cintura e um cassetete do outro. Algemas nos bolsos e botas até o meio da canela. Com uma mão, ele passava as chaves pelas grades, com a outra ele segurava o braço de uma mulher. Ela olhava fixamente para o chão, as mãos fechadas em punhos e as pernas que não paravam de se mexer involuntariamente. O porteiro abriu a minha casa, empurrou a mulher para dentro, trancou novamente, abriu um largo sorriso e foi embora.

- Seja bem vinda, fique a vontade. O que fez pra parar aqui?

- Quis ter um filho.

# PAREDE VERMELHA

Você sequer me ama? Quando a gente tá abraçadas assistindo aquele seriado americano que você nunca gostou muito mas eu te convenci a assistir... Você me ama? Quando você me beija ouvindo o álbum novo do Nirvana, você me ama?

O seriado é *Friends*, lembra? Que você diz que não consegue mais assistir se não for comigo. Por causa dele que *you are my lobster*. Você me deu um quadro escrito isso, eu pendurei na minha parede vermelha. Até quando você foi correndo pros braços dela, eu ainda deixei o quadro lá, pendurado. *It's a known fact that lobsters fall in love and mate for life*. Eu acreditei.

Quando eu gravei aquela fita com o seu nome escrito, quando cantei no seu ouvido "me leva para sempre, Beatriz, me ensina a não andar com o pés no chão", você ainda me amava? Essa música é do Chico na verdade, sabia? A gente ouviu a Ana Carolina cantando naquele show, e eu te disse que te levaria pra sempre. Já era mentira?

Quando coloquei minha alma no papel e te enviei aquela carta, fiz um quadro em tua homenagem, compus aquela música, declamei aquela poesia. Já era mentira? Será que no final de *Friends* Ross e Rachel vão ficar juntos? Será que realmente *you are my lobster* ou só eu que sou a sua?

Uns anos atrás, quando Kurt Cobain morreu e a gente comemorou um ano de namoro no mesmo mês, já era tudo mentira? Você sempre soube como eu gostava do Kurt e dizia que era meio estranho eu admirar tanto um cara tão problemático. Eu achava meio estranho você não admirar um cara tão problemático.

E quando você largou aquela outra, aquela pra quem você gravou uma fita, pra quem escreveu um poema e colocou tua alma num papel. Aquela com quem você ouviu minha banda preferida e foi viajar pros lugares que ia comigo. Quando você largou a menina mais bonita da cidade e voltou correndo pros meus braços... Ainda me amava?

Você diz que eu sou a melhor que já teve e que sorte que foi me encontrar, então porque não é pra mim que manda cartas todo mês?

Você vai embora e volta quando bem entende. Meio que como a maré. E eu fico à deriva.

Mas eu te aceito de volta. Te aceito porque o teu quadro ainda tá pendurado na minha parede vermelha e é a fita com o teu nome que eu escuto antes de dormir.

# DESLUSTRE ETERNO DE UMA MENTE EM NEGAÇÃO

Não me apaixonei por ti. Não me apaixonei pelo olhar tímido que tinhas naquela festa em que nos conhecemos. Lembra daquela festa? Pois eu não lembro. Não lembro quando nossos amigos se trombaram e a gente riu e tu me olhaste com aquele olhar tímido aquele riso frouxo frouxinho e eu pensei que mulher maravilhosa e aí tu continuaste andando e eu... E eu até me esqueci de respirar. Esqueci de respirar e também esqueci de ti.

Esqueci teu cabelo cor de ferrugem até as cinturas 'que cabelo enorme, que lindo, tu és linda'. Esqueci da tua tatuagem no ombro que eu beijei e quando beijei já quis beijar mais e fui descendo até a tua barriga e esqueci de respirar de novo e tu disse a gente tá no meio da rua e eu disse foda-se e ainda não tinha respirado. Lembra? Eu não lembro de nada, sequer das tuas mãos na minha cintura, o abraço que só era nosso e os adesivos das Meninas Super Poderosas na tua blusa.

Roubaram teu carro, levaram teu dinheiro e o pen drive com as tuas músicas favoritas que eu nunca ouvi. Ouvi o outro, que tocava *The Pretty Reckless* enquanto eu enfiava minha mão pelos rasgos da tua calça e tu me olhava de canto de olho. Tu dirigia e falava que ia bater se eu não parasse e eu não parava. Eu continuava, fazia arte com os dedos que te acariciavam e tu revirava os olhos, suspirava fundo e eu cantava no teu ouvido. No meio da BR, tu tá doida? Eu ria e acendia um cigarro. Posso te chamar de amor?

O teu toque eu também esqueci, o pincelar dos teus dedos como se eu fosse tela e o afagar da tua língua por onde tu quisesses passar. Os teus amigos pedindo pra gente sair do quarto, a gente nem ouvia porque eu tava cantando aquela música que tu gostas e que tu dizias que sempre ia lembrar de mim quando ouvisse. *Let me show you how proud I am to be yours, leave this dress a mess on the floor. And still look good for you, good for you.* Ainda lembra? Não me recordo de quando eu dizia que prazer nenhum era melhor do que o que tu me davas e aí tu vinhas mais forte e eu dizia calma e depois dizia não para e depois esquecia de respirar de novo e parecia que nunca tinha fim. O teu sorriso largo depois de sentir meu gosto e o tremor das minhas pernas. Depois vinha subindo da minha virilha até minha boca, tascava-me um beijo e dizia tudo aquilo que tu dizias sobre a minha boca.

E tu, tu certamente esqueceu as minhas tatuagens nas costelas, daquela minha lingerie da tua cor favorita e do jeito que eu mexia meus quadris. Certamente também esqueceste quando eu te sentia e tu dizias que gostava do jeito que meu cabelo curto caía sobre meu rosto, a luz que batia na minha tatuagem do antebraço quando eu te acariciava com as mãos e a camiseta branca dobrada

que eu ainda vestia porque não deu tempo de tirar na ânsia pelo teu corpo. Tu certamente não se lembras, assim como eu.

Não me apaixonei nem por ti nem pela pessoa que tu és, deus que me livre! Nem por aquele presente de dia das namoradas. A gente nem namora, né? Não... Pode me chamar de amor. Vamos praquele parque de diversões naquela cidadezinha aqui perto? Já vai dormir? Fica comigo. Tô com saudade. Dá uma bola e depois vamos pro quarto. Vem aqui, não quero ficar longe. Toma mais um gole. Tá, só mais uma bola. Tu tá muito chapada! Me beija.

Uma vez eu ainda lembrava de quando tu me disseste pra escrever um livro que eu me orgulhasse no final, mas hoje não lembro. Não lembro de nada. Mentira. Lembro que não me apaixonei por ti.

# UM VASO QUEBRADO

Levantou-se da cama às 6:33 como de costume. Sentou-se na ponta esquerda e se espreguiçou três vezes alternando os lados que inclinava o corpo: duas vezes para a direita e uma vez para a esquerda. Pegou o celular que sempre ficava no criado-mudo à direita da cama e checkou as notificações. Tinha recebido, naquela noite, enquanto dormia, uma mensagem de uma amiga com quem não conversava direito há alguns meses, pedindo para almoçarem juntas. Dizia não estar bem e que precisava conversar. Respondeu que sim e perguntou onde poderiam ir. Arrumou a cama, organizou e afofou os três travesseiros: dois brancos, um em casa lado da cama apoiados na cabeceira, e o preto na frente deles, no meio. Calçou as pantufas brancas que ficavam em cima do tapete à beira da cama e foi para a cozinha preparar o café.

Café preto com sete gotas de adoçante. Enquanto tomava o café, lia a o jornal do dia dezessete de outubro de dois mil e dezesseis. “QUADRILHA SEQUESTRA MAGNATA DA CIDADE DE SÃO PAULO E PEDE 3 MILHÕES PARA O RESGATE”, dizia a manchete principal. Levantou da mesa da cozinha e foi em direção à sacada do apartamento para regar as plantas. No caminho, percebeu que o quadro em cima do sofá estava ligeiramente inclinado para a direita. Cautelosamente endireitou o quadro, analisou por alguns segundos e continuou o caminho para a sacada. Contava até três mentalmente enquanto regava cada planta, para que cada uma recebesse a mesma quantidade de água.

Voltou ao quarto, olhou o celular mais uma vez e a amiga ainda não havia respondido. Abriu o guarda-roupa, notou que havia uma blusa preta no meio das brancas e colocou em seu devido lugar. Escolheu as roupas que usaria naquele dia, colocou-as na cama e foi para o banho. Já pronta, andava apressada em direção à porta de casa. Em uma mão a carteira, em outra a chave do carro e no ombro, a bolsa. Quando passava pela mesa da sala de jantar, a bolsa que carregava no ombro esbarrou no vaso em cima da mesa e o derrubou no chão. Foi correndo pegar uma vassoura e rapidamente limpou a sujeira, em meio a xingamentos e bufadas de raiva. Colocou os pedaços do vaso, os restos de planta e a terra dentro de um saco de lixo do lado da porta. Pegou a bolsa, a chave do carro e saiu de casa.

Já em seu carro a caminho do trabalho, pensava qual piada racista ou xenofóbica seu chefe contaria hoje, quem seria o homem com quem a sua colega de trabalho teria transado na noite passada, e quantos cafés seriam necessários para suportar o dia. Presa em seus pensamentos, demorou um pouco mais que o normal para perceber o seu celular tocando. Olhou para o banco do passageiro, onde estava o celular. “Larissa”, mostrava a tela. Imaginou que a amiga estava ligando para combinar o almoço, se inclinou para pegar o celular, deslizou o dedo para a direita para atender a chamada, disse “oi, Lari” e antes que ela pudesse ouvir alguma coisa além do “alô, Ana?” do outro lado da linha,

ela sentiu uma forte pancada no capô de carro, viu o parabrisa repentinamente quebrado, o cinto de segurança quase que a enforcando ao impedir seu corpo de ser arremessado para fora do carro, o reflexo automático dos dois pés no fundo do freio, e um vulto que agora já se aproximava do chão.

Saiu do carro completamente atordoada, foi ver a vítima que havia atropelado. Era um jovem, não chegava aos 25. Carregava apenas uma sacola de padaria na mão, que ainda estava perto dele. Vestia uma camiseta branca dos Beatles que agora estava quase completamente vermelha. Colocou a mão no seu pescoço. Nada. Colocou o ouvido no peito do rapaz para ouvir seu coração. Nada. As pessoas começaram a se aglomerar em volta e ela só conseguia gritar para alguém chamar a ambulância. Poderiam ter sido cinco, dez ou até trinta minutos até a ambulância chegar, mas ela jamais saberia dizer. O estado de choque a paralisou por inteiro. Não pensava em nada, não fazia nada além de deixar as duas mãos ensanguentadas no pescoço do rapaz como se a qualquer momento o coração fosse voltar a bater.

Pediram seu documento. Ela falou para pegarem sua carteira no carro. Não está lá, disseram. Está sim, ela disse. Moça, saia de perto do corpo. Não é corpo, é um rapaz! Moça, por favor, seu documento. Foi até o carro, o documento não estava lá. Deve estar em casa, ela disse, porque eu derrubei um vaso, fui limpar e antes de sair devo ter deixado no balcão. Precisamos do seu documento, moça.

Acompanhada de um policial, voltou a sua casa. Ele disse que esperaria no hall de entrada. Ela entrou no elevador, apertou o número sete com a mão trêmula, deixando sangue no botão. Sete andares pareciam trinta, e ela ainda não conseguia digerir tudo que havia acontecido. A porta do elevador se abriu, ela seguiu para a porta do seu apartamento e passou a chave. Abriu a porta, foi até o balcão da cozinha e lá estava sua carteira. Talvez ainda fosse o choque, mas só quando ela encostou na carteira em cima do balcão, que percebeu que a cozinha estava escura demais. Abriu as cortinas da janela da cozinha, estava escuro lá fora. Continuou olhando por alguns segundos para ver se não era sua visão que estava comprometida, mas a escuridão continuava. Correu até a sala, abriu as cortinas tão rápido que quase as rasgou. Ainda noite. Olhou para as cortinas que havia acabado de encostar e elas não estavam sujas de sangue. Suas mãos também não. Suas roupas também não. Olhou para a sala de jantar e viu o vaso que quebrara naquela manhã intacto em cima da mesa. O saco de lixo ao lado da porta onde ele deveria estar não existia. Foi cambaleando em direção ao seu quarto, uma fraqueza repentina tomou conta de seu corpo. Quando piscava os olhos, parecia que não conseguiria mais abri-los. Com muito esforço chegou até sua cama, se jogou nela e olhou para o relógio que marcava 3h da manhã. Depois disso, todo o esforço para manter-se acordada foi em vão. Entrou em sono profundo.

Levantou-se da cama às 6:33 como de costume. Sentou-se na ponta esquerda e se espreguiçou três vezes alternando os lados que inclinava o corpo: duas vezes para a direita e uma vez para a esquerda. Pegou o celular que

sempre ficava no criado-mudo à direita da cama e checou as notificações. Sem perceber que já havia lido aquela mensagem antes, respondeu que sim à amiga que queria almoçar com ela naquele dia e perguntou onde poderiam ir. Arrumou a cama como sempre, dois travesseiros brancos e um preto no meio.

Estava lendo o jornal e bebendo o café preto com sete gotas de adoçante quando viu a manchete: “QUADRILHA SEQUESTRA MAGNATA DA CIDADE DE SÃO PAULO E PEDE 3 MILHÕES PARA O RESGATE”. Achou engraçado, parecia já saber dessa notícia. Foi olhar a data para se certificar que estava lendo o jornal do dia. Dezanove de outubro de dois mil e dezesseis estava escrito no canto superior direito, a data certa. Deixou o jornal de lado e foi regar as plantas. No meio do caminho, automaticamente olhou para o quadro em cima do sofá, como se soubesse que ele estaria torto. De fato estava, e ela cautelosamente o arrumou. Regou as plantas, voltou para o quarto, viu que a amiga não havia respondido, escolheu as roupas do dia e as colocou em cima da cama, tudo exatamente como já fizera horas atrás, sem estar completamente consciente disso, porém fazendo tudo por instinto.

Em uma mão a carteira, em outra a chave do carro e no ombro a bolsa que segundos depois derrubaria o vaso no chão. Enquanto varria a sujeira, começou a tomar consciência do que estava acontecendo. Ela varreria a sujeira, colocaria num saco de lixo do lado da porta, na correria acabaria esquecendo a carteira no balcão da cozinha, e alguns minutos depois teria que voltar para casa para buscá-la porque... Porque seu celular tocou. Ambulância. Camiseta dos Beatles. Sangue. Ela se lembrou do que havia feito. Um calafrio percorreu sua espinha e achou estar louca.

Dentro do carro, não pensava apenas na piada racista ou xenofóbica do chefe, no homem que a colega de trabalho teria transado ou em quantos cafés a fariam suportar aquele dia. Pensava também quando que seu celular começaria e tocar. E tocou exatamente quando deveria. Dessa vez ela sequer olhou para ver que sua amiga Larissa ligava. Ela manteve as mãos firmes no volante, que agora suavam frio. Os olhos tão fixos na rua que ela achava nem estar piscando. Reduziu a velocidade para o mínimo que conseguia sem deixar o carro morrer. O coração acelerado com a possibilidade de acontecer tudo de novo. O celular ainda tocava, e parecia nunca parar. Para ela, o toque parecia ter durado uma eternidade, repleta de tensão, medo e calafrios. O toque parou. Respirou fundo num alívio nunca sentido antes, apenas tirou uma das mãos do volante para limpar o suor que escorria da testa. Parou na faixa de pedestres. Observou passar um rapaz novo, não passava de 25. Ele carregava apenas uma sacola da padaria e vestia uma camiseta branca dos Beatles. Uma camiseta branca com a estampa preta, nada de vermelho. Ele sorriu, balançou a cabeça em gesto de agradecimento e chegou do outro lado da rua. Ela ainda o observava andar para longe, quando um carro atrás buzinou para que ela acelerasse.

Arrancou, continuou seu caminho ao trabalho com uma sensação de leveza que percorria cada centímetro do seu corpo. Não estava louca, afinal, e

acabara e poupar uma vida inocente. Ela pretendia retornar para a amiga alguns minutos depois, quando chegasse no escritório. O que não imaginava, era que a ligação seria desnecessária. Dessa vez, Ana foi só mais uma das várias pessoas que ignorou a ligação de Larissa. Enquanto o rapaz da camiseta dos Beatles chegava em casa e tomava café com os pães que comprou na padaria, Larissa se jogava do décimo sétimo andar.

# PRÍNCIPE ENCANTADO

O despertador anunciava que já eram 7h30, ele estava atrasado. Tinha uma grande apresentação no trabalho hoje, precisava convencer dois grandes diretores a trabalharem com a sua produtora. Uma grande oportunidade dependia do dia de hoje. Sua carreira dependia do dia de hoje. Tudo dependia do dia de hoje. Todos sabiam que ele vivia pelo trabalho.

Talvez fosse pela pressa, ou talvez o nervosismo por causa da reunião, mas ele não percebeu um bombom e um *pen drive* em cima de um envelope tamanho A4 do lado da porta de entrada de sua casa. Se ele tivesse visto, talvez não ficasse tão surpreso com os acontecimentos seguintes do dia.

Chegou no trabalho com exatos dois minutos de atraso, mas aparentemente tudo estava bem. Os homens que ele tinha que impressionar ainda não haviam chegado e seus subordinados tomavam café e conversavam. A secretária, como fazia todo dia, lhe deu bom dia. E ele, como fazia todo dia, a ignorou.

- Recebeu mais um bombom aleatório na sua mesa, Alice? Quando vai abrir o jogo e contar quem é seu príncipe encantado?

- Também gostaria de saber quem é.

- Ah, para com isso. Você não me engana! Tem um pretendente aqui dentro e não quer contar pra gente.

Essa foi uma conversa recorrente no trabalho de Alice. Todos os dias, durante uma semana, havia um bombom em cima da sua mesa quando chegava ao trabalho.

Numa segunda-feira, dia que faria exatamente uma semana que estava recebendo os bombons, não havia nada na mesa. Alice sentiu um misto de alívio, por não ter mais que ouvir as piadinhas dos colegas, e curiosidade, para saber quem era a pessoa que teve o trabalho de enviar 5 bombons secretamente para ela durante aqueles dias.

Faltando 5 minutos para o fim do expediente, seu chefe - o dono da produtora - a chamou em sua sala. Ela era nova no trabalho, pensou ter feito algo errado e temeu pelo seu emprego. Porém, a fim de mostrar confiança, fez o máximo para não transparecer seu medo e adentrou a sala de seu chefe.

- Olá, Alice. Sente-se, por favor. – ele a observa sentar-se - Ouvi dizer que você vem recebendo uns bombons aqui na empresa, é verdade?

- É sim, senhor.

- Você não acha um tanto inapropriado esse tipo de comportamento dentro do seu local de trabalho?

- Senhor, eu não sei quem está me mandando esses bombons, muito menos tenho qualquer tipo de relação com alguém dentro daqui.

- Bom, mas tem que ser alguém daqui, certo? Caso contrário você veria alguém entrando e deixando o bombom na sua mesa.

- Na verdade, senhor, eu nunca parei para pensar nisso. Realmente não me importa, eu sequer comi os bombons, deixei todos dentro da gaveta. E sinceramente, não vejo por que isso seria relevante para o senhor.

- É relevante pra mim, Alice, porque, como já disse, não seria de bom grado você estar se envolvendo com alguém aqui de dentro, não é mesmo? Pelo menos não com qualquer um. – Alice não entendeu onde Humberto queria chegar com essa frase – Bom, Alice, você é uma mulher muito boa no que faz. Tem uma grande carreira pela frente... Se for pra você se envolver com alguém da empresa, que seja com alguém de poder. Caso contrário, ser demitida por justa causa não cai bem no currículo.

- Senhor, eu não estou entendendo, já lhe disse que não estou envolvida com ninguém. Acho melhor eu ir indo... – ela olha através da janela da sala de Humberto, todos os funcionários já foram embora. Ela vai andando em direção à porta, mas antes que pudesse chegar, Humberto chega primeiro, vira a chave e a coloca em seu bolso.

- Ah, querida, você está entendendo sim. – Humberto anda até sua mesa, senta em cima dela e coloca uma mão no bolso. – Você não é burra, Alice. – ele tira um bombom do bolso e o coloca em cima da mesa. O mesmo bombom que ela recebeu durante a semana.

- Ahhhh, bom... Eu não sei o que dizer... Obrigada pelos bombons, mas eu realmente tenho que ir, já deu meu horário... Vou chamar um *Uber* e... – Alice tira seu celular do bolso e consegue dar uns três toques nele antes de Humberto dar um tapa em sua mão e o celular voar longe.

- Já tem que ir? Ora, você descobre que sou eu quem te manda agradar durante uma semana e é isso que eu recebo em troca? Por favor, Alice, acho que eu mereço mais que isso. – Humberto encosta em seu braço e começa a acariciá-lo – Na verdade, fiquei um pouco ofendido que você não descobriu que era eu. Você me contou aquele dia no café que seu bombom preferido era esse, lembra? Não tinha como ser outra pessoa. E além disso, você nunca reparou o jeito que eu te olho? – Agora sua mão já estava no rosto de Alice, que tentava sair de perto, mas ele a segurava com a outra mão – Você é linda demais, Alice, não consigo me controlar perto de você. Não sei como consegui esperar até agora, pra ser sincero... E agora fico sabendo que você sequer comeu os bombons? Fico muito chateado, Alice. Mas consigo pensar em uma maneira de te perdoar...

Alice tentava desesperadamente se soltar dos braços de Humberto, mas a sensação que tinha era que quanto mais tentava, mais forte ele ficava. Ele

continuou falando, continuou a dizer o quanto Alice era especial, o quanto ela tinha sorte por ele ter se interessado por ela. Seus punhos fortes faziam hematomas pelo corpo dela, seus lábios sedentos violavam sua intimidade, os gritos eram abafados pela gravata que ele colocou em sua boca. Ela dizia que não queria repetidas vezes. Implorava. Suplicava. Gritava. Chorava. E quanto mais ela lutava, mais forte ele ficava.

Entrou em sua sala e ligou o computador para dar uma última olhada na apresentação. Talvez pela bagunça que estava a sua mesa ou pela ansiedade que a reunião estava lhe causando, ele não percebeu o envelope tamanho A4, o *pen drive* e o bombom em um dos cantos de sua mesa. Enquanto lia suas anotações, Alice bateu na porta de sua sala. Ele, como sempre fazia, fingiu não notar sua presença.

- Com licença, senhor Humberto. Posso falar com o senhor? – ele não respondeu. – Bom, eu preciso sair mais cedo hoje, tenho médico. Só vim avisar.

Humberto olha para Alice com desdém depois de vários segundos, finge lembrar o que ela disse e responde:

- Tanto faz, Alice, tanto faz. Prepare a sala de reuniões, deixe essa apresentação de slides pronta para mim – ele tira um *pen drive* do computador e estende para Alice buscar. Ela o pega tentando ao máximo não encostar na mão de Humberto.

Antes de levar o *pen drive* para a sala de reuniões, ela vai até sua mesa e abre a primeira gaveta. Lá estão dois *pen drives*, um envelope tamanho A4 e um bombom. Ela pega um dos *pen drives*, fecha a gaveta e vai em direção à sala de reuniões. Ao invés de colocar no computador o *pen drive* que o Humberto a deu, ela coloca o seu, exatamente igual ao que está na porta de entrada da casa de Humberto, na mesa do trabalho dele e dentro de sua própria gaveta. Depois, coloca o de Humberto, com sua apresentação de slides.

Humberto abotoava novamente a camisa, fechava o zíper calmamente e colocava seus sapatos. Alice, caída no chão, não conseguia fazer nada além de se encolher, chorar e olhar para o vazio.

- Bom, Alice, antes que você pense em contar pra alguém o que aconteceu aqui hoje, – ele agora tirava sua gravata da boca de Alice e a colocava de volta no pescoço – saiba que eu sou muito influente, posso fazer da sua vida um inferno. É roteirista que você quer ser, né? Pode ter certeza que eu vou fazer de tudo pra que você fique bem longe de se tornar roteirista. Na verdade, vou fazer ser bem difícil você ser contratada em qualquer lugar do país. Eu sei da sua condição financeira, você até ajuda sua mãe que mora longe, né? Se eu fosse você, não me arriscaria. Além do mais, quem iria acreditar em você? É a sua palavra contra

a minha. É só eu dizer que você quis ficar comigo pelo meu dinheiro, eu te rejeitei e você inventou tudo pra dar um golpe. Consigo até pagar testemunhas que comprovem a sua paixão descontrolada por mim. – ele abre um sorriso largo, ajeita mais uma vez a sua camisa, pega seu paletó na cadeira e vai em direção à porta - Não esquece de arrumar tudo antes de ir, tá bom? Até amanhã, Alice.

Alice volta para a sua mesa. Pega o telefone e liga para os diretores que já deveriam estar em reunião com Humberto. Diz que agora eles podem ir porque Humberto já tinha resolvido o imprevisto que havia surgido. Dez minutos depois, os dois diretores e sua equipe chegam ao escritório.

- Desculpe mais uma vez, senhores, mas agora Humberto pode atender vocês.  
– diz Alice.

- Tudo bem, querida, ainda bem que você avisou antes de chegarmos. Até que foi melhor, assim conseguimos tomar um bom café aqui perto.

- Fico feliz. Antes de entrarem, vou entregar-lhes esse *pen drive* com algumas informações que Humberto apresentará durante a reunião, caso queiram revisar em casa. Me acompanhem, por favor.

Alice acompanha os convidados até a sala, diz para ficarem à vontade, avisa Humberto que eles já chegaram, e volta para a sua mesa. Depois que ele entra na sala de reuniões, Alice tira de dentro de sua gaveta o envelope e o bombom, coloca-os em cima de sua mesa junto com o *pen drive* que acabara de levar ao computador da sala de reuniões, e vai embora.

Humberto começa a reunião, tudo vai muito bem. Ele sempre foi um sucesso em sua vida profissional, não tinha dúvidas que iria fechar negócio mais uma vez. Depois de certo tempo de reunião, chegou a hora da apresentação de slides. Humberto clicou no arquivo que pedira para Alice colocar no computador e virou de costas para a projeção, ainda falando com grande desenvoltura.

Ele só foi parar de falar quando ouviu sua própria voz ao fundo “Você não acha um tanto inapropriado esse tipo de comportamento dentro do seu local de trabalho?”. Um calafrio subiu a espinha de Humberto. Não podia ser verdade que ele realmente estava ouvindo aquilo. Virou-se para a projeção e não tinha nada além de sua apresentação de slides, porém, com o áudio daquela noite. Humberto tentou fechar o arquivo e ele não fechava, tirou o computador do projetor, mas, obviamente, o áudio continuava. Estava tão nervoso que não conseguia pensar direito. Os convidados agora estavam começando a entender do que se tratava. Um deles pega na mão o *pen drive* que Alice havia lhe dado e parece juntar os pontos.

Depois de alguns segundos de agonia, Humberto consegue pensar e desliga o computador abruptamente, terminando o áudio ainda no começo. Ele tenta

retomar a reunião, diz que foi um engano, mas os diretores e sua equipe não o querem ouvir e vão embora.

Antes das 11 horas da manhã a notícia já havia se espalhado, sites já estavam comentando o assunto e o áudio já havia vazado na internet. Humberto ainda não entendia como aquilo era possível. Tentava entrar em contato com Alice, mas seu celular estava desligado. Tentava reverter a situação com todos os seus clientes e colegas de trabalho, mas sua reputação já estava arruinada.

Um pouco depois do meio dia Humberto vai pra casa, arruinado e atordoado com toda a situação. Ele nunca imaginou que um dia não fosse mais ter o poder que sempre teve. Nunca imaginou que um dia sua carreira seria arruinada. Ao colocar a chave na porta de casa, ele percebe o que não tinha visto ao sair. Pega os três itens do chão e os leva para dentro.

Borbulhando em raiva e gritando todos os xingamentos que conhecia, joga o bombom no chão. Se lhe restava alguma dúvida de que Alice estava por trás de tudo, agora tinha certeza. Pega o computador para colocar o *pen drive*, e confirma o que já imaginava: se tratava do áudio que levou sua carreira buraco abaixo.

Enquanto ouvia, com as mãos na cabeça e cotovelos no joelho, ouve passos dentro de sua casa. Quando levanta a cabeça, dá de cara com Alice.

- Olha Humberto, eu tentei te avisar. Coloquei cópias de tudo na frente da sua casa e na sua mesa hoje cedo. Até na minha mesa eu deixei antes de ir embora. Quer dizer, eu imaginei que você não veria, afinal, você não vê nada além do seu umbigo. Mas eu tentei avisar. O estrago seria o mesmo porque eu dei uma cópia do áudio pros figurões da reunião também. Mas pelo menos você não seria pego de surpresa, pelo menos você não ficaria com cara de tacho. Ah, como eu queria ter visto a sua expressão! – Alice se delicia ao pronunciar cada palavra - Você não foi muito cuidadoso, Humberto. Sei que você deve estar muito confuso e sem entender como eu fiz o que fiz, então vou facilitar pra você. Como você me disse aquele dia, Humberto, eu não sou burra. Infelizmente, eu sabia que eu não ia conseguir escapar. Sabia que você não me deixaria ir embora em hipótese alguma. Se quisesse só conversar não teria trancado a sala e guardado a chave. O que me restava então? – Humberto estava perplexo. Não conseguia reagir de nenhuma forma, era como se Alice o estivesse hipnotizando. – Bom, me restava tentar conseguir alguma prova. Não podia contar com câmeras porque elas não existem na sua sala. Aliás, muito esperto da sua parte. Único lugar do escritório que não existem câmeras. – ela senta na poltrona em frente à Humberto. Entre eles, apenas uma mesa de centro - Eu não fui a primeira, fui, Humberto? Mas que você é um filho da puta todo mundo já sabe, isso não me surpreende. Confesso que fui muito inteligente e tive que pensar muito rápido. Quando disse que ia chamar um *Uber*, na verdade eu fiz outra coisa. Apesar de você ter arremessado meu celular longe, eu já tinha conseguido colocá-lo pra gravar. Eu sou roteirista, sabe, né? – O tom cínico de Alice aumentava a cada frase – Bom, pretendo ser. O que importa é que às vezes tenho ideias do nada. No ônibus, no trabalho, na aula, em festas, e às vezes até dormindo, você acredita? Por isso

eu tenho um atalho pro meu gravador, pra ter rápido acesso e gravar minhas ideias antes que eu as perca. Escrever demora demais. Em dois ou três toques ele já está aberto e gravando. Foi basicamente isso, Humberto. Ainda bem que eu não sou burra, né? – Alice abre um sorriso sarcástico e tira uma arma da parte de trás de sua calça. Aponta-a para Humberto.

- Além de tudo você ainda quer me matar? – é tudo que ele consegue dizer, em prantos.

- Claro que não, Humberto. Eu não sou assassina. Vou deixar essa arma aqui, pra quando você perceber que não há mais motivos pra viver – Humberto parece não acompanhar as palavras de Alice, como se elas fossem demais para ele digerir. Ela coloca a arma na mesa de centro em frente à Humberto - Ah, dá uma olhada no envelope antes.

Alice levanta e vai embora lentamente, muito serena. Humberto assiste ela ir embora, ainda em perplexo. Abre o envelope. Ele lê “Príncipe Encantado, por Alice Fernandes”. Dá play novamente no áudio e pega a arma da mesa de centro.

Alice escreve as últimas palavras do roteiro: “HUMBERTO dá play no áudio novamente e pega a arma da mesa de centro.” Imprime três cópias, coloca-as em envelopes A4, pega quatro *pen drives* e três bombons no sofá, já previamente separados, e vai em direção à casa de Humberto.

# O CAVALEIRO E O DRAGÃO

Ele observa os pequenos dedos frenéticos que fazem furos na areia. As perninhas tão rápidas que quase se perdem em meio às outras. As notícias do dia não são mais tão interessantes, as conversas do *whatsapp* não estão mais prendendo sua atenção. Seu dedo, que é grande, não para de fazer movimentos de baixo para cima, e nada que aparece no *feed* prende seu olhar por mais de dois segundos.

O cavaleiro montado em seu cabo de vassoura corre desesperadamente para salvar o príncipe em apuros, lá no topo do castelo. Ele escala, com o olhar determinado, a grande montanha disfarçada de escorregador, e desvia dos animais selvagens descendo em grande velocidade, interpretados pelos seus colegas. Nada lhe tira a atenção da sua aventura.

Enquanto o cavaleiro escorrega durante a escalada da montanha, ele agora acende um cigarro. Ele nem gosta tanto assim de fumar, na verdade o gosto lhe causa um pouco de náuseas. Só fuma porque procura algo que o distraia, já que nem mesmo a tecnologia alienante foi capaz de fazer isso por ele.

A guardiã do castelo impede o avanço do cavaleiro, mas ele não se dá por vencido. Mais uma vez na areia, mas agora travando uma batalha. Seus dedinhos na areia agora viram arma contra a guardiã, que fica cega com os grãos em seus olhos. Enquanto ela coloca as mãos no rosto para se livrar da areia, o pequeno cavaleiro corre mais uma vez em disparada em direção ao príncipe em apuros. Decide por outro caminho, o escorregador é demasiado perigoso para um herói tão pequeno como ele. As rápidas perninhas sobem as escadas em direção ao castelo.

O cigarro ainda aceso e queimando devagar não parece surtir o efeito que ele deseja. Seu coração ainda bate mais rápido que o normal, a mão que não segura o cigarro bate os dedos rapidamente contra o banco de madeira, como uma bateria. Além dos olhos que não desgrudam do pequeno cavaleiro, outra parte do seu corpo poderia começar a denunciar seus desejos. Ele coloca sua mochila em seu colo e dá mais uma tragada.

O cavaleiro finalmente chega ao topo do castelo e dá um forte abraço no príncipe resgatado. Os dois exibem sorrisos largos para os colegas que aplaudem, lá debaixo do castelo, o grande feito do cavaleiro. “Mais uma vez!” grita um deles, e o cavaleiro, como era de se esperar de um grande herói, concorda em ser desafiado outra vez.

Agora, com o cigarro recém apagado, ele assiste aquelas perninhas subirem mais uma vez o escorregador, dessa vez, sem ser derrotado.

Mais aplausos para o pequeno herói, que sorri e agradece os colegas. “Agora vamos brincar de outra coisa, tá bom?”

Levanta, dá passos lentos em direção ao cavaleiro, o príncipe e todos os seus amigos. Como se apertasse um botão de “ligar”, estampa um sorriso de orelha a orelha. Suas pegadas grandes, como as de um dragão, destoam das pequenas e delicadas já presentes na areia do parquinho.

Cavaleiro e príncipe, depois de mais um final feliz, aterrissam na areia depois de uma rápida descida pelo escorregador. O cavaleiro, sem saber que precisaria derrotar alguém bem mais perigoso que a guardiã do castelo, olha para cima e vê uma mão estendida em sua direção.

Ao segurar a pequena mão que tanto observava de longe, sente uma pulsação involuntária em seu corpo. “Que tal a gente tomar um sorvete pra comemorar o resgate do seu príncipe?”

EK IS LIEF VIR JOU, TE DUA, ICH LIEBE DICH, OHIBOKA,  
YES KEZ SIRUMEN, OBICHAM TE, NGO OI NEY, DANGSINUL  
SARANGHEE YO, JEG ELSKER DIG, LUBIM TA, TE QUIERO,  
JE T'AIME, AI SHITERU, I LOVE YOU

Eu te amo, mas não tenho coragem de te dizer.

"CEM ANOS DE PERDÃO"

Um roteiro

de

Ananda Torres

"CEM ANOS DE PERDÃO"

FADE IN

INT. CASA DE AUGUSTO - NOITE

Três amigos estão na sala bebendo cerveja e conversando. Na televisão, algum show de rock com o volume baixo. Estão repassando os detalhes do roubo que farão na noite seguinte.

AUGUSTO, homem em torno de 23 anos. Cabelos escuros e barba para fazer.

FELIPE, homem em torno de 19 anos mas aparenta ser mais novo, irmão de AUGUSTO.

TATI, mulher em torno de 25 anos. Cabelos curtos de cor azul.

AUGUSTO

Então, tá tudo certo? Já fizeram todos os corres que tinham que fazer?

TATI

Enquanto você vai eu já fui e voltei duas vezes. Já o teu irmãozinho eu não sei...

AUGUSTO

Que foi, Lipe, vai amarelar?

FELIPE

Não... Eu só tô com um pouco de medo.

AUGUSTO

Medo do que, moleque? Teu trabalho é o mais fácil.

FELIPE

Eu sei. Mas eu não sou o rei do crime igual você, é a primeira vez que faço isso.

AUGUSTO

Verdade, eu vacilei, né? Devia ter te trazido junto quando tu ainda era menor de idade.

FELIPE

Ha, ha, ha.

AUGUSTO

Foi mal, maninho. Olha só, fica tranquilo. Vai dar tudo certo. Eu vou entrar primeiro, pichar todas as câmeras do lado de fora e arrombar a porta. O alarme vai disparar, então a Tati vai ter no máximo 10 minutos pra entrar, abrir o cofre e pegar tudo que estiver dentro. Tem a manha, Tati?

TATI

Teve alguma vez que não consegui?

AUGUSTO

Tá vendo, mano? Essa é a confiança que tu tem que ter. Enquanto a Tati faz o rolê dela, eu vou ficar esperto, escondido do lado de fora. Tu vai estar dando volta no quarteirão com o carro pra não dar pinta ficar parado ali na frente. Se tu ver os cara chegando e a gente não tiver saído, tu avisa. Quando a Tati acabar, eu te aviso e a gente te encontra na esquina. Vai ser da hora, mano. Relaxa. O rolê todo vai ter no máximo 15 minutos.

FELIPE

Mas ser tão rápido assim não é pior? E se pudesse ter mais tempo?

AUGUSTO

E como tu quer que tenha mais tempo? Sabe desarmar alarme de casa, gênio?

FELIPE

Não... Mas talvez ele não precise disparar.

TATI

Continua falando, pirralho.

FELIPE

Esse coroa que a gente vai roubar é ex da tua namorada, não é?

AUGUSTO

E o que que tem, Felipe?

FELIPE

Ele foi otário com ela e é por isso que vocês escolheram ele como a próxima vítima, não é?

TATI

Felipe, teu irmão não curte muito falar desse cara. Se eu fosse tu, ia direto ao ponto.

FELIPE

É só que... Ele não ficaria feliz com uma visita da ex dele? A gente iria lá com ela quando ele estivesse em casa, antes de ir viajar. Ela entraria, deixaria a porta aberta e levaria ele pro quarto. Enquanto isso, vocês fazem tudo já iriam fazer, mas sem alarme, sem arrombamento e com mais tempo.

AUGUSTO

Eu não vou deixar a Gabi com esse cara, ele é um cuzão. Vai saber o que ele vai fazer com ela durante esse tempo.

FELIPE

Se a Tati é tão boa, não vai ser muito tempo, vai? Ela mesma disse que não demora mais de 10 minutos. Poder fazer isso sem o risco da polícia chegar é bem mais seguro.

TATI

O pirralho tem razão, Guto. Não vai recusar a ideia só porque não foi tua, né?

AUGUSTO

Não, não é isso. Só fico preocupado com a Gabi. E ela não aceitaria, ela não gosta de se meter em coisa assim. Ainda mais com o ex louco dela no meio.

TATI

Bom, ela não viu problema nenhum em a gente roubar ele. Por que não ajudar? Fala com ela. Joga o charme de namorado.

INT. CASA DE GABI - DIA/MANHÃ

GABRIELA, mulher em torno de 23 anos. Veste uniforme de trabalho com os cabelos presos.

GABRIELA

Eu não acredito que você tá me pedindo isso, Augusto.

AUGUSTO

Amor, pensa bem. Pensa como seria muito mais fácil.

GABRIELA

Mais fácil? Mais fácil pra você que não vai ter que ficar no mesmo ambiente com o seu ex desequilibrado que fez da sua vida um inferno.

AUGUSTO

Ele não vai fazer nada, não vai dar tempo. Ele vai ficar feliz em te ver e quando tentar fazer qualquer coisa, já vai ter acabado.

GABRIELA

QUANDO ele tentar fazer qualquer coisa? Obrigada por me acalmar!

AUGUSTO

SE ele tentar, SE. Gabi, eu vou estar lá, eu vou estar de olho. Eu pensei que tu tava gostando de saber que a gente vai foder com ele.

GABRIELA

Sim, mas antes não envolvia eu ter que falar com ele, fingir que gosto dele.

AUGUSTO

Vai valer a pena, meu amor, vai valer a pena. Imagina a cara dele quando perceber que foi roubado e que tu estar lá fazia parte do plano? Ele vai querer morrer! Ele vai se sentir muito pior se souber que tu fez parte de tudo.

GABRIELA

É, isso é verdade. Mas eu tenho medo... E se ele tentar me machucar? Ele já fez isso antes.

AUGUSTO

Eu te dou uma arma, que tal? Tu coloca na tua bolsa e se precisar: *bang* no cuzão.

GABRIELA

Isso era pra me deixar mais calma? Não quero ter que usar uma arma!

AUGUSTO

É só precaução, meu bem. Confia em mim, vai ser tão rápido que tu não vai nem ter terminado de contar pra ele como tá a tua vida desde que terminaram.

GABRIELA

E quando eu vou saber que posso ir embora?

AUGUSTO

Eu te aviso. Te ligo. Tu finge que é a tua mãe, muda o meu nome nos contatos. Aí tu fala pra ele que ela tá mal, que tu tem que ajudar. E tchau, vai embora.

GABRIELA

Eu vou dar um jeito de escapar da cadeia e te matar se isso não der certo.

EXT. CARRO DE AUGUSTO - NOITE/COMEÇO DA NOITE

Os quatro jovens estão dentro do carro na esquina da casa que vão roubar. No banco da frente, Felipe e Tati. Atrás, Augusto e Gabriela.

AUGUSTO

E aí, todo mundo pronto? Amor?

TATI

Sim, tá todo mundo pronto. Vamos começar o show logo.

AUGUSTO

Amor, tá tudo bem? Tá pronta pra enganar aquele filho da puta?

GABRIELA

Ele vai saber que eu tô envolvida nisso.

TATI

Claro que vai, essa é a melhor parte! Ninguém mandou mexer com a nossa Gabi.

AUGUSTO

Tati, cala a boca, não tá vendo que ela tá com medo? Amor, a gente já falou sobre isso, tu queria se vingar dele.

GABRIELA

Eu sei, e eu quero... Mas se ele souber, ele vai prestar queixa e eu tô fodida. E vocês também.

AUGUSTO

Vai prestar queixa como? Como ele vai provar? Eu vou dar um jeito em todas as câmeras, ele só vai ver um cara encapuzado e depois tudo preto. Ninguém vai deixar digital em lugar nenhum e ninguém vai ver o carro por perto.

GABRIELA

Não importa, eu vou ser a única pessoa que apareceu lá e depois tudo sumiu! Vai ficar suspeito demais.

AUGUSTO

Gabi, tu tá esquecendo de uma coisa. Tudo que ele tem também é roubado, contrabandeado. O que ele vai fazer? Chegar na delegacia e falar "Ô, seu policial, eu tinha umas joias e obras de arte roubadas mas roubaram de mim. Me ajuda a achar esses ladrões?". Ele não vai ter pra onde correr.

GABRIELA

E se ele vier atrás de mim? Você sabe que ele é louco.

AUGUSTO

Se ele vier atrás de ti eu vou estar do teu lado, esperando pra meter bala nele. Não vou deixar nada acontecer contigo, meu bem. Tu é tudo pra mim.

GABRIELA

Promete, amor? Isso pode dar tão errado...

AUGUSTO

Claro que prometo. Eu e tu sempre, mulher. Ei... Não chora, não. Daqui 15 minutos a gente vai estar rindo da cara desse otário. Confia em mim?

GABRIELA

Não sei se deveria, mas confio.

AUGUSTO

Claro que deveria, eu já te deixei na mão alguma vez? Só saio do teu lado quando eu for dessa pra uma melhor.

GABRIELA

Eu te amo.

AUGUSTO

Eu também te amo, linda. Agora pega essa arma, estampa um sorriso nessa cara e faz esse otário se arrepender de ter mexido contigo.

FADE OUT

FIM

"EU QUERIA TE DIZER QUE TALVEZ VAI FICAR TUDO BEM"

Um roteiro

de

Ananda Torres

"EU QUERIA TE DIZER QUE TALVEZ VAI FICAR TUDO BEM"

FADE IN:

INT. COZINHA - DIA/MANHÃ

Uma família de quatro pessoas toma café da manhã. Estão todas sentadas na mesma mesa, porém cada uma olha para seu celular enquanto come. Há um TV na cozinha que passa o noticiário.

ESTER, mulher em torno dos 40 anos, pele negra e cabelos longos em tranças. Veste roupa social e digita freneticamente no celular.

ESTER

Ana, pode me passar o açúcar, por favor? Esse seu café está forte demais.

ANA, mulher em torno de 30 anos, cabeça raspada envolta num turbante. Veste roupas mais casuais e presta atenção no noticiário.

ANA

Aham...

ANA está prestando tanta atenção no noticiário que mal percebe o insulto ao seu café feito pela sua esposa. Passa o açúcar.

ANA

Ei! Se não gosta do meu café por que não experimenta acordar mais cedo e fazer você o café pra todo mundo?

ESTER

Desculpe, querida, não quis te chatear. Amanhã prometo que acordo mais cedo e faço o café, tá bom? É que hoje o dia vai ser puxado, o Bernardo já está enchendo meu saco essas horas da manhã...

ANA

Tudo bem, Ester, tudo bem. Mas a gente bem que poderia criar o hábito de pelo menos nos olharmos enquanto conversamos na mesa, né? Isso vale pra vocês duas também, mocinhas.

MANOELA, criança de 7 anos. Tem cabelos cacheados na altura do ombro. Usa óculos e veste uniforme da escola.

MANOELA

Ah, mãe, vocês três estão sempre no celular ou no tablet, nem vem. Eu sou a única que não uso tanto esses negócios. Hoje mesmo eu só tô usando porque você tá assistindo esse jornal chato e eu queria ver os meus desenhos. E olha a Laura, ela nem tá ouvindo a gente.

LAURA, adolescente de 16 anos. Está ouvindo música em fones de ouvido sem fio. Apenas olhando atentamente dentro da sua orelha que seria possível perceber os pequenos fones. Ela come cereal mexendo a cabeça levemente com o ritmo da música.

ANA

Laura! Filha, alô!

ANA balança os braços na frente de LAURA para chamar sua atenção.

LAURA

Credo, o que foi?

ESTER

A gente tá tentando interagir com você, filha.

LAURA

Quem vê pensa que é assim todo dia, né?

ESTER

A sua mãe quer que a gente comece a mudar um pouco nossos hábitos e eu acho que ela tem razão. Não é, Ana? Ana? Não acredito que agora perdemos você pra TV.

ANA pede para que todas façam silêncio enquanto olha a TV e escuta a repórter falar.

REPÓRTER

Na madrugada de hoje, dia 31 de agosto de 2076, um casal foi encontrado morto em seu apartamento na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Legistas afirmam que o casal, uma mulher de 47 anos, e seu marido, de 51, já estava morto há aproximadamente 72 horas. Nenhum dos vizinhos se conheciam, como é de costume, e amigos e família só começaram a se preocupar quando sentiram falta de postagens nas mídias sociais. Entramos em contato com a mãe do homem, Sra. Joana, que explica o ocorrido:

SRA. JOANA

É, a gente só começou a se preocupar quando a gente viu que eles não falavam mais nada na internet... A gente mora pertinho, uns 10 minutos de carro, mas sabe como é hoje em dia, ir visitar pessoalmente é muito ultrapassado, né? E até falta de respeito com a intimidade do casal... A gente começou a mandar mensagem pra eles e eles respondiam que estavam ocupados. Depois é que a gente descobriu que era a Iris, aquela do aplicativo que a gente programa pra responder quando tá ocupado, sabe? Eles deviam ter programado pra responder quando ficam muito tempo longe dos aparelhos, eu também faço isso, sabe...

REPÓRTER

Todos usamos isso, é uma mão na roda... Mas como vocês descobriram o falecimento?

SRA. JOANA

Bom, aí ligamos pra polícia e eles mandaram aqueles chamados via bluetooth pra casa deles, aquele que a voz do policial perguntando se tá tudo bem começa a falar na tua casa, sabe, né? Então... Aí eles não responderam e a polícia bateu lá e descobriu...

REPÓRTER

Meus pêsames, Sra. Joana, e obrigada pelo seu tempo.

A REPÓRTER agora se direciona novamente ao espectador.

REPÓRTER

Os corpos estavam inchados e apresentavam manchas vermelhas. A garganta fechada parece ser a causa da morte, que teria causado asfixia. Os sintomas parecem ser de reações alérgicas, mas os médicos ainda estão estudando o caso, uma vez que reações alérgicas, assim como todas as doenças humanas, foram erradicadas mundialmente há muito tempo. O caso é muito peculiar, há mais de 80 anos não víamos no Brasil uma causa de morte por doença, e há pelo menos 170 no mundo todo. O Instituto Nacional de Saúde e Tecnologia está fazendo tudo que pode para solucionar o caso logo e acalmar a família dos falecidos.

ANA e ESTER se olham em silêncio, MANOELA e LAURA continuam o que estavam fazendo.

ANA

Você ouviu isso, Ester? Que horror! Pensei que já tínhamos passado da época de nos preocuparmos com saúde.

ESTER

Calma, amor. Só porque aconteceu com um casal aleatoriamente, não quer dizer que agora, de repente, vamos

ter que voltar a tomar remédios e fazer exames periodicamente. Seria um retrocesso sem tamanho. Tenho certeza que logo os legistas vão descobrir alguma razão lógica pra isso ter acontecido.

ANA

Tomara...

LAURA

Pera aí, um dia vocês tomavam... como é que é? "renédio"? As pessoas morriam por causa de doença? Por que elas não tomavam a vacina que a gente toma quando nasce?

ANA

Se chama REMÉDIO, filha. E não, quando eu e sua mãe nascemos já não precisava mais. Mas seus avós tinham que tomar quando sentiam alguma coisa. Inclusive, o seu avô morreu de uma doença que foi a mais difícil de se curar, se chamava câncer. Nem todo mundo podia tomar essa vacina aqui no Brasil até pouco tempo, esse privilégio ficava só para a elite. Vocês nasceram numa época muito boa.

LAURA

Que barra que devia ser, né? Ainda bem que a gente não precisa mais disso agora.

MANOELA

Pelo jeito vamos precisar, olha o que aconteceu com aquele casal...

INT. ESCRITÓRIO DA ANA - DIA/MANHÃ

ANA está trabalhando em seu computador quando recebe uma mensagem no celular. Uma amiga mandou o link de uma notícia dizendo que mais 100 pessoas morreram em Florianópolis com os mesmos sintomas do casal. ANA liga para ESTER.

ANA

Alô, amor?

ESTER

Oi, meu bem.

ANA

A Dai me mandou uma notícia dizendo que mais 100 pessoas morreram do mesmo jeito que aquele casal. O que será que tá acontecendo? Eu tô ficando muito preocupada.

ESTER

Como assim? De onde são essas pessoas?

ANA

Todas daqui de Florianópolis.

ESTER

Vamos tentar ficar calmas, logo alguém vai se pronunciar e explicar essa situação. Não vou deixar nada acontecer com você ou com as crianças, ok?

ANA

Tá bom... Vai pra casa assim que sair do trabalho, tá? Vai saber de onde isso tá vindo... Melhor ficar o maior tempo possível dentro de casa.

ESTER

Pode deixar. Quer que eu busque as meninas hoje?

ANA

Não precisa, eu pego elas antes de ir pra casa, eu saio mais cedo de qualquer jeito.

ESTER

Então tá. Beijo. Amo você.

ANA

Também te amo.

INT. REDAÇÃO DO JORNAL - DIA/FIM DE TARDE

Todos dentro da redação do jornal parecem atordoados. O ambiente está muito movimentado, todos falam alto e conversam entre si.

PAULA, mulher em torno dos 26 anos, chefe de redação. Conversa com CLARA.

CLARA, mulher em torno dos 21 anos. É assistente de PAULA.

PAULA

Anda, Clara, desembucha! O que aconteceu? Eu tenho muita coisa pra fazer, essas mortes misteriosas estão apavorando todo mundo e a gente tem que descobrir antes dos outros o que está acontecendo.

CLARA

É justamente sobre isso. É... Uhm... Já contabilizaram 500 mortes só em Florianópolis. Descobriram outros corpos que já estavam há dias apodrecendo, ainda antes daquele casal. No Brasil todo já passam de dez mil mortos.

PAULA

O QUE? Mas isso veio à tona essa manhã, como pode já ter matado tanta gente? Você já entrou em contato com o Instituto Nacional de Saúde e Tecnologia?

CLARA

Já sim, eles ainda não sabem dizer o que está acontecendo. E piora... Já foi declarada epidemia mundial. Parece que já acontecia há 1 mês em outros países mas os governos estavam acobertando para não assustar o povo. A população do Japão já é um terço menor.

PAULA

COMO QUE UMA COISA DESSAS ACONTECE NO MUNDO TODO E O MAIOR JORNAL DO PAÍS NÃO SABE? Eu não sei se estou mais preocupada com a déficit da comunicação e do jornalismo mundial ou com todas essas mortes.

CLARA

Bom, eu tenho uma resposta pra isso.

PAULA

E por que você não falou ainda???

CLARA

Vai parecer loucura, mas... Desde que descobri que antigamente se fazia sexo para ter filhos e não por procedimentos artificiais, eu não duvido de mais nada.

PAULA

Bom, a sociedade era arcaica. Antigamente a gente também morreria se fosse homossexual. Ou negro. Ou mulher. E também se acreditava num tal de Deus. Nada vai parecer tão absurdo assim.

CLARA

É, tem razão... Bom, eu acessei a *deep web* e descobri algumas coisas. Hoje em dia não há nada que escape da internet, a gente só precisa procurar bem. Tenho aqueles amigos que trabalham na Inteligência Tecnológica dos EUA, sabe né? Eles trabalham diretamente com os cientistas mais fodas e com novas tecnologias assim que elas são descobertas. Eu não poderia ter acesso à o que eles têm, mas eles me passaram um algoritmo que quando...

PAULA

Clara, menos nerd, mais informação.

CLARA

Desculpe. Enfim, o que importa é que tenho acesso à tudo que eles têm. O motivo de ninguém saber de nada até agora é que depois de todos esses anos com os EUA basicamente mandando no mundo, o Japão nas últimas décadas conseguiu reverter essa situação e ocupar o patamar de maior potência mundial.

PAULA

Clara, isso é aula de história? Todo mundo sabe disso.

CLARA

E por que que o Japão ocupa esse lugar atualmente?

PAULA

Porque eles são a maior potência tecnológica do mundo. É por causa deles que hoje nós basicamente não precisamos fazer nada e a tecnologia é tão avançada.

CLARA

Certo, Paula. Então, a única coisa que a ameaçaria o Japão, seria ele perder esse poder, certo?

PAULA

Então eles esconderam as mortes porque elas têm alguma relação com os dispositivos que usamos? Mas não é possível, as pessoas estão morrendo por reação alérgica, uma coisa que raramente matava até mesmo nos tempos dos nossos avós.

CLARA

Uma coisa de cada vez, Paula. Não tem a ver com os dispositivos em si. Tem a ver com o uso deles. Como você disse, nós não precisamos fazer absolutamente nada, a inteligência artificial faz tudo por nós. Nossos avós precisavam ir pra lugares com *wi-fi* para acessar a internet, hoje quando nascemos já implantam *wi-fi* EM NÓS. Você tem noção desse avanço?

PAULA não falava nada, só ouvia atentamente.

CLARA

Enfim, o uso contínuo de tantos dispositivos está causando essa reação alérgica nas pessoas, o corpo humano não aguenta mais. E obviamente, um país que prometeu prosperidade com esses avanços, não pode admitir a ruína de toda uma humanidade por sua culpa.

PAULA

Ruína de toda a humanidade?

CLARA abaixa a cabeça e não responde.

PAULA

É... Bom... Mas como você descobriu isso invadindo a IT americana?

CLARA

Porque os EUA também sabem e não queriam que vazasse. O segundo país com mais mortos por causa da epidemia é os EUA. Eles só queriam que a população descobrisse quando eles tivessem a cura, pra que eles voltassem a ser a potência mundial.

PAULA

E eles estão perto dessa cura?

CLARA

Uhm... Acontece que uma pessoa que começa a apresentar sinais dessa reação, automaticamente contamina quem convive com ela, e torna a tolerância à dispositivos tecnológicos dessa pessoa ainda menor... Acelera a morte de todos que já morreriam inevitavelmente. E mais que isso, se no momento que a garganta começa a fechar, que é quando, em menos de 5 minutos, ocorrerá a morte... Uhm... se nesse momento, houver contato físico... A outra pessoa, mesmo que ainda apresentasse poucos sintomas, começa a asfixiar também. Por isso normalmente são encontrados dois ou mais corpos juntos. Está se espalhando muito rápido e ninguém conseguiu descobrir uma cura ainda.

PAULA

Bom... Não há muito o que fazer. Precisamos publicar isso e também passar nos telejornais de hoje à noite. Comece a delegar funções, você está no comando dessa vez.

CLARA

Mas Paula, nem o Instituto Nacional de Saúde e Tecnologia se pronunciou ainda, como que vamos vazar todas essas informações?

PAULA

Clara, se você, uma mera jornalista, sem ofensas... Conseguiu essas informações, você realmente acha que o INST não sabe de nada? Vamos forçá-los a falar.

UM MÊS DEPOIS

INT. CASA DE ANA E ESTER - NOITE

LAURA E MANOELA jogam um jogo de tabuleiro na sala, enquanto ANA e ESTER conversam na cozinha.

ESTER

Eu não sei mais o que fazer, não sei até quando vamos poder sobrecarregar a Manoela desse jeito.

ANA

Nem eu... Mas ela é nossa única alternativa de sobrevivência.

ESTER

Na verdade, Ana, pra gente já não tem mais volta.

ANA

Não fala desse jeito nunca mais! Eu não consigo suportar essa ideia.

ESTER

Não é fácil pra mim também, meu amor. Mas a gente precisa se preparar. Logo a Manoela vai ficar sozinha e a gente precisa preparar ela pra isso. Qualquer dia ela pode acordar e nenhuma de nós estar aqui. Assim, do nada.

ANA

Esse dia vai demorar a chegar. Nós já cortamos praticamente todo o uso de qualquer dispositivo tecnológico que não seja essencial.

ESTER

O essencial ainda é muito! Ana, quem fazia nossa comida há um mês atrás era uma máquina. Pelo amor de deus, quando foi que nos tornamos pessoas que não conversam entre si pessoalmente? Que colocam pra adoção filhos que foram concebidos acidentalmente e não criados artificialmente porque eles não "saíram" do jeito que gostaríamos? Que não vão esquiar na neve porque tem um simulador perfeito dentro de casa? Eu não me conformo que o avanço nos levou à ruína.

ANA

Bom, eu pelo menos sempre fiz café.

ANA e ESTER riem.

ESTER

Eu não consigo nem saber se meus pais estão vivos porque o único meio de comunicação era a *wi-fi* instalada dentro de nós e não podemos mais usar.

ANA

Nós temos uma a outra. E ajudaremos nossas filhas a passarem por isso enquanto estivermos aqui.

ESTER

Eu te amo.

ANA

Eu amo mais.

As duas se beijam, mas são interrompidas pelas filhas que entram na cozinha.

LAURA

Vocês realmente precisam fazer isso na nossa frente?

ANA

Vocês que vieram nos atrapalhar.

LAURA arregança as mangas do moletom e ANA percebe manchas vermelhas em seu braço. Olha para ESTER, que também percebeu. LAURA percebe que as manchas apareçam e abaixa as mangas rapidamente. Olha para MANOELA, mas ela não percebeu. Vai até a geladeira, e no caminho, seu olhar cruza com o de uma de suas mães. Elas se entendem sem falar nada.

LAURA

Não tem nada pra comer nessa casa. Tá na hora da minha irmã preferida ir ao mercado.

MANOELA

Eu não quero ir sozinha de novo, eu tenho medo. A rua é deserta e eu fico aflita achando que vão ter corpos na rua.

ESTER

Filha, a gente sabe que é difícil. Mas nenhuma de nós três pode ir, a gente já te explicou. Você é a única que pode usar sua *wi-fi* e você precisa dela pra andar com o carro, pra pagar a conta no mercado, pra travar e destravar a porta de casa...

MANOELA olha pro chão, uma lágrima escorre do seu rosto, mas ela seca rapidamente. ANA a abraça.

ANA

Meu amor, desculpe ter que te sobrecarregar tanto assim. É um saco que a gente dependa tanto dos dispositivos e você seja a única que possa usá-los. Você não precisa ir agora, mas prometo que quando você voltar, a gente vai brincar do que você quiser. Inclusive a sua mãe.

MANOELA

Até a mamãe vai brincar também?

MANOELA olha para ESTER.

ESTER

É claro, meu amor. Eu também brinco.

MANOELA sai da cozinha e vai em direção à porta de entrada. Chegando na porta, grita de longe:

MANOELA

Eu tenho mesmo que pagar? Quem vai se importar? Os funcionários e donos dos mercados já devem estar mortos.

ESTER

Filha, só porque você é imune não quer dizer que você vai se aproveitar disso. Pague as compras como eu e sua mãe sempre fizemos.

MANOELA sai de casa. É possível ouvir MANOELA fechando a porta de trás e falando o endereço do mercado para o carro, que arranca logo em seguida. ANA, ESTER e LAURA continuam na cozinha.

ANA

Filha, desde quando você está com manchas vermelhas no braço?

LAURA

Não são só no braço... E já faz um tempo.

ESTER

Como você não nos contou? Pensamos que você ainda não tinha nenhum sintoma.

LAURA

Eu não queria que a Manoela soubesse e eu tenho passado muito tempo com ela. Do jeito que a gente tá, não duramos mais muito tempo.

ANA

Que mania sua e da sua mãe de falar essas coisas!

LAURA

Mas é verdade. E precisamos falar com a Manoela. Ela já entendeu que crianças até 7 anos não são afetadas, que o contato com os dispositivos até essa idade ainda não é letal. Mas se ela conviver com a gente a partir dos 8, vai se contaminar também. Sem falar que ela não vai mais usar os dispositivos e vai ter que se virar sozinha. Ela precisa

se preparar. O aniversário dela tá chegando... É até bom que a gente vá antes disso.

ANA

Isso é demais pra mim.

ESTER

Vamos conversar com ela quando ela voltar do mercado.

Logo após terminar essa frase, ESTER começa a sentir falta de ar, seu corpo começa a inchar e suas manchas começam ficar mais vermelhas.

INT. MERCADO - DIA

O mercado está deserto, com a exceção de dois irmãos gêmeos também fazendo compras. Deviam ter a mesma idade de MANOELA. Assim como ela, carregam um papel com os itens a serem comprados escritos.

MANOELA está carregando quatro sacolas cheias de compras. Coloca-as dentro de um cubo de metal escrito "CAIXA". Feixes de luz verde escaneiam as compras por alguns segundos. O caixa diz o preço: R\$200,00. MANOELA pega o celular, coloca o dedo em cima de um ícone com um desenho de moedas, e com um movimento de mão em direção ao caixa, paga as compras.

INT. CASA DE ANA E ESTER - DIA

MANOELA chega em casa. Enquanto procura o ícone de cadeado no celular, para travar a porta, grita:

MANOELA

Voltei, trouxe muita coisa boa. Já podemos brincar de esconde-esconde?

MANOELA

Mãe? Mana? Onde vocês estão?

MANOELA finalmente acha o ícone e tranca a porta. Deixa as sacolas no chão e vai até a sala. Não encontra suas mães nem a irmã.

MANOELA

Mãe?

MANOELA caminha lentamente até a cozinha, como se já soubesse o que a espera. Encontra os corpos de suas mães e irmã. ESTER no colo de ANA, que está deitada encostada no balcão da cozinha. LAURA está um pouco mais longe, porém com o braço esticado dando a mão para as duas mães. A outra mão no pescoço. MANOELA, chorando, junta os corpos das três para perto de si. E ali fica, abraçada com sua família.

FADE OUT

FIM